



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA

da FÁTIMA

(13 DE FEVEREIRO)

Contra toda a expectativa, depois de uma semana de vento, frio e chuva sem interrupção, o dia treze de Fevereiro amanheceu esplendido, cheio de luz e de colorido, e com uma temperatura suave e tepida, como que a anunciar a proximidade da primavera.

A's sete horas da manhã, no cume da serra, a poucos quilometros do Alqueidão de Torres Novas, o panorama que se desfruta para as bandas do nascente é verdadeiramente soberbo e deslumbrante. O astro-rei, difundindo sobre a terra os seus raios acariciadores, ergue-se no horizonte distante, cheio de formosura e magestade, e acorda a natureza do sono pesado duma longa noite de inverno.

A's dez horas, no recinto das Aparições apenas se vêem algumas dezenas de pessoas. Mas á medida que se aproxima o meio-dia solar, a multidão engrossa cada vez mais e eleva-se por fim a alguns milhares de fiéis.

Os peregrinos deste mês são na sua grande maioria habitantes das aldeias vizinhas que, impulsionados pela sua piedade e atraídos pela beleza do dia, resolveram ir á Cova da Iria cumprir o preceito da audição da missa e satisfazer as exigências da sua devoção para com a augusta Virgem do Rosário.

E' ali, naquela estancia bemdita, que as almas crentes se desprendem mais facilmente dos liames do corpo para ascenderem nas azas da prece até ás regiões serenas da mais pura espiritualidade.

E' quasi meio-dia e trinta e sete minutos. A linda estatua da Virgem, semelhante a uma radiosa visão do Paraíso, é transportada aos hombros das servas de Nossa Senhora do Rosário para a capela nova.

Um sacerdote sobe ao altar-mor e principia a Missa dos doentes. O fluxo e refluxo da multidão pára como por encanto. O silencio aumenta. O recolhimento e o fervor intensificam-se. O Credo de Lourdes é recitado por todos em côro.

O rev.do capelão-director dos «servitas» reza o terço alternadamente com o povo. A' elevação to-

da aquela mole imensa de gente canta os louvores do Deus que por amor de nós quiz ficar no augustíssimo sacramento dos nossos altares.

A' comunhão é administrado pe-

la ultima vez o pão dos fortes a numerosas pessoas, préviamente preparadas.

Segue-se a benção do Santissimo aos enfermos, que em numero de algumas dezenas ocupam as bancadas da frente do respectivo pavilhão.

Como de costume, esta cerimonia tão simples como emocionante faz brotar lagrimas de muitos olhos.

Em seguida sobe ao pulpito o rev.do dr. Galamba d'Oliveira que, numa linguagem genuinamente portugueza e acessivel a todos, fala sobre a palavra de Deus, semente

prodigiosa lançada nas almas que produz fructos de salvação quando cae em bom terreno.

Por fim a estatua da Virgem é reconduzida á capela das Aparições e sobre a vasta charneca da Cova da Iria começam a descer as primeiras sombras da noite, até que o silencio e a solidão reinam de novo naquela estancia de tantas maravilhas que fazem de Fátima a irmã mais nova de Lourdes, a divina cidade dos Pyrinéos.

Visconde de Montello



Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Manuel Vieira de Mattos, Arcebispo Primás, visitou no dia 15 de Agosto de 1926 o Santuário do N. S. do Rosário da Fátima

A devoção a S. José

É bem conhecida a devoção que S. Teresa de Jesus tinha a S. José, a quem recorria sempre nos momentos difíceis da sua laboriosa vida.

Nos nossos tempos esta devoção vai-se tornando bastante popular e intensificando-se dia a dia.

Efectivamente, S. José é o modelo dos operários e a imitação da sua vida e a de toda a Sagrada Família em Nazareth, seriam a melhor resposta e o melhor remédio para estabelecer o justo termo das reivindicações operárias da nossa época e um dique á dissolução da família, a maior calamidade dos tempos actuais.

Um dos maiores propagandistas da devoção a S. José em todo o mundo e em todos os tempos, apesar de nunca ter escrito uma linha, é o irmão André (assim é conhecido) que há mais de quarenta anos é porteiro do Collegio de Nossa Senhora do Sagrado Coração, na cidade de Montréal, no Canadá (America do Norte).

Fundou, em honra do querido Santo, uma peregrinação que está em vias de se tornar tão popular e frequente na America como Lourdes é na Europa e Fátima em Portugal.

Preparou-se para esta missão no seu humilde quarto de porteiro onde falava de S. José ás visitas e aos pais dos alunos.

Encontrou entre estes abraços doces e piedosos, mas também, ao lado, muitos contraditórios (as obras de Deus necessitam d'este selo da contradicção e da cruz).

A pouco e pouco, os fieis formaram entre si uma Confraria de S. José.

Ora até aqui nada ha de extraordinário.

Eis, porém, que um belo dia apparece o lado divino e numerosas curas teem logar, que são invariavelmente atribuidas a S. José, pelo irmão André que recomenda os seus doentes ao glorioso patriarca.

Por outro lado S. José parece não querer fazer nada sendo por intermedio do seu dedicado e zeloso servo.

As curas só teem logar depois d'este ter resado ou dado o seu conselho.

O que ele mais recomenda é que peçam a S. José e se a doença é uma chaga ou coisa identica, aconselha que untem com azeite da lampada que arde deante da imagem do mesmo Santo ou toquem a parte doente com uma das suas medallhas.

Fala-se já de milhares de curas.

Conviria que houvesse um bureau de verificações medicas, como há em Lourdes. Em Mont-Royal (sitio onde fica o collegio) não se preocupam com essas coisas. São os proprios doentes que publicam com gosto a sua cura e outras vezes (como acontece em Fátima) só por acaso se chega a ter conhecimento de certos factos extraordinarios.

Foi assim que se descobriu, passados muitos anos, a cura subita e completa dum operario protestante, Alfredo Standhope, cujo pé esmagado tinha uma chaga purulenta ha muito tempo.

Veio ao Oratorio de S. José, a conselho de um amigo, e voltou curado.

Ao lado d'estes favores celestes, quasi desconhecidos, há curas extraordinarias verificadas por medicos mais conscienciosos e mais sabios, segundo as regras prescritas pela Igreja e pela sciencia. Estas curas são humanamente inexplicaveis. E' esta também a opinião de Mgr. Bruchesi, Arcebispo de Montréal.

Isto explica a affluencia de peregrinos de que teem chegado a juntar-se ali trinta a quarenta mil.

Um sacerdote d'ali assegura que o numero annual de fieis que ali vão orar excede o de Lourdes.

A capella primitiva tinha, por força, de ser provisoria.

Vai, pois, ali levantar-se uma basilica cuja primeira pedra foi posta em 1916, quando se estava em plena guerra.

A cripta está já concluida e é ali que se fazem os exercicios de piedade.

O edificio será grandioso pois só a cripta custou já cerca de vinte mil contos. Afirma-se que toda a despeza irá a mais de cem mil contos, mas isto não preoccupa os Canadianes porque a caixa das esmolas esvasiada á tarde volta a encher-se no dia seguinte, á medida das necessidades.

O Rev. Conego Coubé, director da revista parisiense L'Idéal, que visitou o Santuario conta que nunca nenhum homem lhe causou mais viva e profunda impressão que o irmão André, parecendo-lhe estar em presença do Santo Cura d'Ars e falar com S. José.

É um velhinho, de pele enrugada como convem a um octogenario, com um bello sorriso, alma aberta duma criança e um olhar candido que parece reflectir o ceu.

Parece zangar-se quando o querem fotografar e sempre tem encontrado meio de se escapar. Uma vez que ele estava despreocupadamente num grupo a falar, um sacerdote canadense focou-o. Quando vai, porem a revelar a chapa nota com espanto que todos os outros tinham ficado bem mas não aparecia a figura simpatica do irmão André.

A MINHA NOTA

E AS SERVITAS...

—Que deem o exemplo!...

Mal pensava ao escrever a minha primeira nota que ela seria de tão numerosos e diversos efeitos.

Era a fotografia real, demasiado realista talvez, mas nem por isso menos verdadeira, dum quadro, graças a Deus pouco frequente, naquelas paragens da Cova da Iria.

E, com a descrição do quadro intercalada no dialogo com uma pessoa amiga, ia naturalmente a manifestação da minha maneira de ver baseada nos ensinamentos e prescrições da Igreja, como a mais fiel interprete do senso comum.

Era natural ou deixaria de ser uma... nota.

Pois a proposito dessa nota recebi varias cartas umas de aplauso, de reprovação outras (como é proprio da fraqueza humana) e uma outra emfim de arrependida e dolorosa confissão.

As de aplauso os meus parabens por as ver integradas no pensar da Igreja; ás de reprovação—duas apenas—o pedido de reflexão e... nada mais.

A' ultima não a posso mandar embora com uma simples palavra, não.

Podia repetir-lhe a doce palavra do Salvador: «Vai e não tornes a pecar!»

Mas não. A carta comoveu-me. Enchime de simpatia por essa alma que me escrevia arrependida sem conhecer nem ser de mim conhecida.

Achei-a tão linda, tão sentida, aquella carta que resolvi desde logo fazer dela a minha segunda nota.

Ei-la:

Ex.ma Sr.^a e
minha querida Amiga

Extrahará certamente tal tratamento por letra completamente desconhecida.

Costuma ser de intima amizade este tratamento e foi porisso que nesta minha carta eu quiz que ele exprimisse bem toda a simpatia e cristã amizade que a V. Ex.^a dedico no Senhor.

Cria Ex.ma Sr.^a que a estimo mais do que se a conhecesse.

Eu sou aquella pobre rapariga que V. Ex.^a tomou como assunto da sua nota publicada no numero de Fevereiro p. p. da «Voz da Fátima». Li-a sofredamente.

Parecia-me que vinha ali alguma coisa para mim.

E vinha...

O coração batia-me apressado. Porquê?...

Era a graça, era o meu Anjo da Guarda que me impeliu a tal leitura.

Reconheci-me descrita, retratada ao vivo naquelas colunas.

Fôra junto de mim, a unica, ajoelhada numa grande extensão, fôra junto de mim que V. Ex.^a pronunciara aquella saudação:

«Olá Julio! Tu por aqui?...»

Parecia-me ouvi-la ainda.

Depois retiraram-se e não ouvi mais.

Era eu, não havia duvida.

«Mas quem é que deu licença aquella senhora para estar assim a insultar-me num jornal?»

Se me descobrem?

Que vergonha!

Foi assim... de orgulho e ódio o meu primeiro pensamento. Senti o sangue ferver-me nas veias; pensei em exigir satisfações ao director da folha e... não sei quantas coisas mais.

Muito excitada ainda sentei-me a bordar um corporal para a igreja da minha terra.

Pouco a pouco porem a excitação passou.

Como que por acaso levantei os olhos para uma oleografia de Santa Inês que estava na parede em frente e senti-me mudada de todo. Recordei num momen-

to a historia encantadora daquela Martir (que um dia se V. Ex.^a quizer me não importarei de contar nas colunas da «Voz da Fátima»).

Chocou-me o contraste entre o amor á modestia que dominava aquella Santa e o seu desprezo, ao menos aparente, que em mim reinava.

Sobreveio-me uma crise de lagrimas bemfazejas e foi então aos pés do meu Crucifixo e abraçada a Ele que eu tive a felicidade de ver o mal das modas imorais por que me deixara cegar.

Ah! Minha Amiga quanto lhe estou agradecida por este favor! Foi V. Ex.^a o meu Ananias. Foi V. Ex.^a que me fez cair as escamas dos olhos!

Quanto mal não terei eu feito sem o saber? Espero apenas no perdão do Senhor Infinitamente Misericordioso e no auxilio das suas orações que me não negará.

Não imagina as consolações enormes que tenho tido, sobretudo na Sagrada Comunhão, depois que me... visto.

E' Nosso Senhor a pagar-me já a cem por um o pequeno sacrificio do meu orgulho, da minha vaidade.

Todos os dias me lembro daquele seu pensamento: «trazer descoberto o Corpo do Senhor».

Que horror! E choro pela minha vida passada. E peço-lhe que me perdoe.

Ele sabe bem que nunca a minha virgindade sofreu qualquer mancha por mais pequena. Mas em que perigo eu não andava inconscientemente!

Fui vitima do meio em que vivo, da educação que me deram. Nunca pela cabeça me tinha passado que isso pudesse ser e fazer mal.

Acredite que era realmente a falta de uma piedade verdadeira, sentida, e sobretudo o desejo de agradar que me escravizavam á moda.

Mas peço-lhe que não julgue por mim todas as raparigas, todas as senhoras que andam... á moda. Há, ás vezes, mesmo ali, almas boas profundamente boas e duma piedade que eu não teria coragem de chamar superficial.

E, agora, para acabar, desculpe-me a confidencia que lhe vou fazer. Não mo tome a mal.

Não era a primeira vez que ia á Fátima nem espero que tenha sido a ultima.

E, a falar-lhe com toda a franqueza com a franqueza duma ré-confessa, uma das coisas que me fez mais impressão foi o ver que a par de servitas que pela sua caridade, pela sua modestia no porte e no vestir mais pareciam anjos do que mulheres, se encontravam algumas que, se bem serem escandalosas, entretanto se notavam por uns decotes excessivamente largos e vestidos demasiado curtos.

«Se elas (e eu olhava só para as ultimas embora muito poucas) se elas vestem assim, também eu posso vestir como visto».

Não tinha razão?...

—Não. Mas o facto da influencia dessa liberdade em algumas servitas foi um facto em mim e sê-lo-ha talvez noutras.

Desculpe V. Ex.^a esta confidencia que em nada diminua a grande estima e admiração que sinto pelas que tão desinteressadamente se dedicam ao tratamento dos pobres doentinhos.

Digo-lho porque é possivel que V. Ex.^a queira e consiga evitar pequenas coisas que se tornam grandes pela qualidade e posição das pessoas em quem se notam.

Esquecia-me de lhe dizer que não tornei a sair de casa sem ter emendado alguns dos meus vestidos.

Esperando, minha boa amiga, que me não esquecerá junto da nossa querida Mãe e nas suas comunhões, subscrevo-me com a promessa de igual lembrança m.to ded.da no Coração Divino de J.

X. 26-II-1927

Maria Eulalia...

P. S. Pode fazer desta carta o uso que quizer ocultando porem o meu nome de familia e o da minha terra.

Não a acham deliciosa? Que o Senhor continue a abençoar esta boa alma e a fazer com que sejam sempre muito rectas as intenções das minhas notas. Fui exagerada, fui injusta no juizo que formei da querida Maria Eulalia e disso me arrependo e prometo emendar-me.

A primeira produziu fruto nesta alma. Que ela o produzisse em tantas semelhantes!...

Bendito seja o Senhor!

Eu apenas semeiei na—Voz da Fátima:

foi Ele quem regou e deu o crescimento, a florescencia e o fructo.

—Que venha depressa essa historia de Santa Inês e outras, outras muitas, sentidas como essa carta. Dar-me-hia por feliz em me retirar e ceder-lhe, á falta de outro o cantinho que ocupo na Voz da Fátima.

—E as servitas?

—Que deem o exemplo!... Eu, desconfiando do meu juizo em causa propria pedi a uma senhora muito piedosa das minhas relações que me julgasse rigorosamente.

—E as outras?...

Que leiam, que se examinem, que se emendem como esta menina que me acaba de escrever.

A's vezes uma pequena coisa torna-se grande...

Ao abaixar-se um decote alarga-se, um vestido levanta-se ou ajusta-se mais do que a modestia permite e nós gostaríamos. Um exame não faz «mal a ninguém».

Triplíce obrigação nos impende: porque somos católicas, porque servitas, porque estamos num lugar sagrado.

Que não haja nunca mais, de futuro, coisa que, de alguma maneira possa, nas servitas, ferir a vista de quem quer que seja, nem exercer como neste caso tão nefasta influencia é o voto e a esperanza firme de.

Uma servita

No dia da DESOBRIGA

Uma mulher feliz... idealmente, infinitamente feliz, é a que inspirou estas poucas linhas.

Ela quasi tinha perdido a esperanza de ver este dia.

Mas viu-o... e viveu-o. O seu coração está a trasbordar de uma tal alegria, que esta mulher podia julgar-se em pleno paraiso, em uma alegria imensa, definitiva, de que nada nem pessoa alguma podiam mais privá-la.

Este dia não surgiu sem uma dura preparação.

Ha já vinte anos... desde a propria hora do casamento que ela vem pensando nele.

Uma nuvem a desenharse nas mais belas nupcias quando ela, face a face com Deus, vinha a verificar as ignorancias, as fraquezas espirituais daquele que ela sonhava tão superior a si, para o amar sem uma sombra e sem uma reserva.

Superior? Então, não... seu marido não lhe era superior.

Tinha perdido a fé, se é que já alguma teve.

Ela tinha sossobrado nesta passagem temivel que tanto deve preocupar os maneajadores d'almas... naquele momento em que a embriaguez exuberante das paixões nascentes, o jovem reage pessoalmente sobre as ideias dadas e recebidas passivamente durante o tempo de umas fugidias e magras lições de catecismo.

Não se retem senão o que se defende e ele não tinha defendido nada.

Para quê?

Não vinha a vida ao seu encontro com a taça a trasbordar de magnificas promessas?

O primeiro em toda a parte, recebido na sociedade mais intelectual, ele era daqueles que não tinha mais que abrir os braços.

Alem disso, por entre as bonecas do baile, tinha ele descoberto a que é hoje sua mulher.

Nesse tempo, a jovem chegara a hesitar em lhe aceitar a homenagem precisamente porque aquele que solicitava a sua mão não tinha fé.

Oh! Não é que ele fosse inimigo dela! Mostrava-se mesmo muito respeitoso para com o seu paroco, acompanhando muitas vezes a sua mulher á Missa para lhe dar esse prazer.

Aborrecia-se aí, no entanto, terrivelmente sobretudo quando o paroco era um pouco mais longo nas suas pregações.

Era por isso que sua mulher quasi nunca lhe perguntava nem pedia nada.

Com esta natureza assim, qualquer pressão era um retrocesso certo. Para se obter alguma coisa era necessario que a planta ali lançada crescesse em absoluta

liberdade. Mas cresceria ela? Teria sua mulher a felicidade de a ver florir em uma bela manhã de quaresma...?

A jovem encheu a sua alma de todas as virtudes que lhe foi possível adquirir. E' a sua «reserva» de amor para embalsamar a vida daquele que Deus lhe deu para amar.

E era grande a sua «reserva». A sua afeição a tinha ainda aumentado e como que perfumado de piedade.

Causava tanta pena ver este homem tão completo sobre todos os outros pontos de vista, aceitar esta inferioridade, esta tara, de não compreender o seu imperativo dever religioso, o primeiro de todos!

Então a sua mulher pregava pela voz doce desta suprema pregação que é o exemplo silencioso.

Casa em perfeita ordem... Boa para todos, severa para si mesma, mas duma severidade que só Deus via, esta esposa sabia que, se Deus fez as flores lindas foi—contra toda a aparência—para que as mulheres as ofereçam a seu marido, ainda que não fosse senão para dissimular a empresa do seu apostolado.

E a primeira flor era ela mesma, toda impregnada dum belo e grande espirito cristão, inteligente e firme.

Ela bem sabia que era pela grande nave luminosa, a nave onde se canta o unico Credo da unica Igreja, que um homem, recto como o seu marido, devia ir até ao Tabernaculo...

A pregação continuava sem afrouxar mas sem resultado aparente. Nem um só dia a sua mulher perdeu a coragem.

Nunca se sabe todo o bem que se faz quando se faz bem, e Deus nem sempre concede que colha o mesmo que semeou.

Antecipadamente ela aceitava resignadamente esta tristeza de não ver, comungar a seu lado aquele que era a metade de si mesma e com o qual ela tinha sonhado ser «um» em Deus.

E afinal... Tudo tem a sua hora, mesmo a ventura das venturas...

Ela tinha notado que, havia já algum tempo, seu marido resava durante a Missa.

Tinha-o visto, uma tarde, entrar sózinha na sua igreja paroquial, e, para respirar a sua liberdade, ela absteve-se de lhe aparecer e entrar nessa ocasião.

Havia já mais de uma vez que ela encontrara fora do lugar habitual alguns livros interessantes e religiosos. Dois domingos, ele preparou-se ainda primeiro que ela para a Missa das 11 horas. Ela teve mesmo a angelica habilidade de lhe dizer:

—«Ánda depressa, não nos faça tardar a Missa».

Era a primeira vez que este «nos» unia os dois em um pensamento nitidamente cristão.

Ontem, porém, disse-lhe ele simplesmente isto:

—A que horas poderia o Sr. Prior receber-me? Este ano quero comungar contigo.

As grandes dores são mudas mas as grandes alegrias também...

Ela abriu os braços.

Em volta havia, com certeza, um coro de Anjos.

E ela não acreditava que, sem estalar, um coração de mulher pudesse bater tão forte como o seu naquela ocasião...

Nessa manhã comungaram os dois a par. O sacerdote, que conhecia o caso, tremia ao colocar a Santa Hostia nos seus lábios. Parecia áquela mulher que o seu verdadeiro casamento era então...

Um casamento que excedia o primeiro na distancia que separa o finito do infinito.

E, de volta ao seu «dar», ela abraça-o, de olhos fechados, e diz-lhe: «Tua mulher para sempre!...»

Também em Espanha

Não é a primeira vez que aqui publicamos o relato de curas obtidas no paiz visinho.

Hoje transcrevemos do n.º 196 do «Rosario» (de janeiro e fevereiro), o seguinte caso:

«Numas informações que «El Santissimo Rosario» (de Vergara), publicou no mês de agosto sobre as maravilhosas aparições de N. Senhora do Rosário na Fátima, Portugal, comparavamos os acontecimentos da Fátima com os de Lourdes, em França. Ali apontámos as razões que para isso tínhamos; e se a algum parecer excessiva a honra que de tal comparação advem á Fátima, convidamo-lo a inteirarse do que lá tem ocorrido e hoje ocorre em torno daquele, bendito lugar.

A' semelhança da francesa Lourdes, o capitulo das curas operadas por mediação de N. S. do Rosario da Fátima, vai-se enriquecendo dia a dia com novos e estupendos casos.

O ambito destas maravilhas está por enquanto limitado pelas fronteiras portuguesas.

Esta limitação, porém, atrevemo-nos a atribui-la, a serem desconhecidos aqueles sucessos, e por consequencia, á falta de invocação da Santissima Virgem sob aquêlê novíssimo titulo.

De uma invocação mais geral e mais frequente em Espanha resultaria, sem duvida, maior abundancia de graças e favores. Assim o atestam as mercês concedidas a diversas pessoas em Salamanca e Madrid, de que temos noticia; e é isso que dá a entender o caso que vamos consignar, succedido em virtude e por causa do artigo publicado em *El Santissimo Rosario*.

A protagonista foi uma menina de 24 anos, filha de familia muito cristã e subscritora d'*El Santissimo Rosario*. A leitura das notas sobre os acontecimentos da Fátima despertou na joven enferma e em sua familia o vivo desejo de adquirir a agua milagrosa.

A doente jazia prostrada no leito havia já cerca de dois anos, e com ela esgotára a sciencia medica todos os seus recursos.

Em vista da impotencia dos meios humanos, aquella boa familia apelou para os divinos, pondo a sua confiança no poder da Virgem da Fátima.

Obtida a agua milagrosa, o que ocorreu, conta-no-lo o pai da enferma, que nos escreveu, sob a impressão do prodigio, as seguintes palavras:

—«Quero que V. Rev.ª saiba que no dia 13 (de setembro) ao cair da noite, minha filha tomou a agua milagrosa; no dia 14 pôde comungar por lhe ter desaparecido a dispnea e haverem cessado os pertinazes vomitos que a impediram de comungar por alguns meses; cessaram as dôres intensas que tinha e hoje, dia 16, pôde levantar-se e jantar com a familia depois de passar de cama vinte meses, com grandes sofrimentos, que, em varias ocasiões, a conduziram a um estado preagónico.

Mil graças á Santissima Virgem do Rosário da Fátima!»

Podíamos ter transcrito outros relatos mais sentimentais, procedentes, de outras pessoas de familia.

Preferimos, porém, o do pai, pela sua sobriedade e por ter saído da pena de um *Doutor em Medicina e Cirurgia*, pois, segundo soubemos depois, é essa a qualidade do pai da doente.

Será superfluo consignar que esta circunstancia abona o character prodigioso da cura.

Como fica escrito, a enferma bebeu agua da Fátima no dia 13 de setembro.

Intencionalmente deixámos então de publicar o que hoje damos á estampa, pois quizemos que decorresse algum tempo de experiencia, para ver se a cura tão felizmente iniciada proseguia no seu caminho ascendente.

Hoje, segundo noticias recentemente recebidos, podemos anunciar que as melhoras se tem ido acentuando sem experimentar retrocessos e não sem grande admiração dos que dantes conheceram a enferma, da familia e da propria joven, cujo peso, em dois escassos meses, aumentou sete quilos, e que actualmente trabalha na confecção de um estandarte que seja testemunho perene da bondade da Virgem do Rosario da Fatima e tambem do seu reconhecimento e gratidão por essa bondade.

Madrid

Fr. Benito Mateus O. P.»

AS CURAS

DA FATIMA

O signatario do atestado que junto envio a V. Ex.ª é meu medico assistente desde 1918, motivo porque, bem orientado da minha doença e do meu doloroso sofrimento, por algumas veses tentou operar-me, nunca o conseguindo devido ao meu estado de fraqueza geral. Consultei muitos outros medicos entre os especialistas das doenças do estomago com consultorio nesta cidade, mas dos diversos medicamentos que me receitaram e varios regimes alimentares que me aconselharam e que eu cumprí á risca, não obtive resultado algum. Nos ultimos três anos minha alimentação foi apenas leite gelado e medicamentos: bismuto, bicarbonato de soda e, quando as dores eram mais prolongadas e dolorosas, um calmante com morfina, a fim de descansar um pouco.

Em 13 de Outubro do ano findo fui á Cova da Iria, sendo registado no posto medico com o numero carenta e acompanhado ao pavilhão assistindo ali a todos os exercicios religiosos e, quando Nossa Senhora presidia á Missa dos doentes, pedi-lhe a minha cura, assim como ao Santissimo Sacramento quando recebi a benção pessoal. Nêsse mesmo dia regresssei a esta cidade, tendo uma viagem horrosissima, mas aqui, e durante nove dias, bebi um pouco de agua com terra do logar das aparições que consegui trazer, e nesse acto resava a Nossa Senhora três «Ave-Marias» e, alem destas, no nono dia resei tambem um terço em comum com minha mulher. No dia seguinte ou seja no dia 25 do já referido mês de Outubro senti um certo bem estar e desde essa data até hoje, as dores do estomago desapareceram por completo, tenho comido de tudo abstendo-me apenas de bebidas e comidas irritantes, nada me tem feito mal. Em virtude do exposto por mim e pelo meu medico assistente, V. Ex.ª deve concordar, como eu concordo, que só um milagre operado em mim por Nossa Senhora e Nosso Senhor podia transformar em tão pouco tempo a minha situação, pois encontro-me bem disposto. Peço por isso a V. Ex.ª com todo o respeito para mandar publicar na «Voz da Fátima» a minha cura e junto atestado, e, caso não possa ser neste numero, então no dia 13 de Março proximo, o que desde já reconhecidissimo agradeço. Em Maio tenciono ir á Cova da Iria visitar e agradecer a Nossa Senhora e na ida ou no regresso apresentarei a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos e agradeço-lhe-ei todas as atenções dispensadas assim como farei a minha assinatura para ter direito a receber mensalmente o jornal pelo correio.

Desejando-lhe muita saude e graça de Deus. Sou de V. Ex.ª C. do m. to obg. do

Alfredo Augusto da Rocha

Rua de Entre—Quintas n.º 301

Porto

decer-lhe-ei todas as atenções dispensadas assim como farei a minha assinatura para ter direito a receber mensalmente o jornal pelo correio.

Desejando-lhe muita saude e graça de Deus. Sou de V. Ex.ª C. do m. to obg. do

Alfredo Augusto da Rocha

Rua de Entre—Quintas n.º 301

Porto

ATESTADO

Carlos Cincinato da Costa Frias, medico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Atesto que Alfredo Augusto da Rocha, casado, morador na Rua d'Entre Quintas, Porto, é portador de uma gastrite ulcerosa verificada por mim e varios colegas. Durante muitos anos o doente viu-se forçado a recorrer a uma rigorosa dieta lactea e ao tratamento pelo bismutho, kaolino, etc, provocando-lhe crises muito dolorosas a ingestão de qualquer alimento que não fosse o leite. Em Outubro p. p. resolveu o doente ir a N.ª Sr.ª da Fatima.

A viagem, que foi muito tormentosa, e a estadia em Fatima abalaram profundamente o sistema nervoso do doente, regressando ao Porto muito fatigado. Passados dias começou o doente a experimentar consideraveis melhoras e tão bem se sentiu, que se atreveu a ingerir alimentos que lhe estavam proscritos, notando com alegria e espanto que já não lhe provocavam dores e que os digería perfectamente. Actualmente, comquanto se abstenha de alimentos irritantes, come de tudo, sendo o seu estado, do ponto de vista medico, muito satisfatorio, pois não tem crises dolorosas desde outubro passado e o seu estado geral é bom.

Por ser verdade e me ser pedido passo este atestado que assigno.

Porto, 25 de Janeiro de 1927

(a) Carlos Cincinato da Costa Frias

(Segue o reconhecimento)

Natália Lopes, de Pontes—Caxarias, escreve: «Aparecendo-me uns abcessos no braço direito, que mal melhoravam tornavam novamente a aparecer, fazendo-me sofrer dores horroveis; eu com o coração cheio de fé invoquei Nossa Senhora da Fátima para que me melhorasse; prometendo publicar a graça caso ela me ouvisse. Implorando-a numa noite, logo no outro dia me achei muito melhor, não sofrendo já dores, e podendo já mover o braço, e até hoje não me tornaram a aparecer. Com o coração cheio de fé e reconhecimento á Santissima Virgem, venho pedir a V. se digne publicar estas linhas que desde já muito agradeço. Resta dizer que não é esta a primeira graça que recebi de Nossa Senhora da Fátima.»

«Albano Mendes Barbosa, de Povoas de Rio de Moinhos, vem publicamente agradecer á Virgem do Rosário da Fátima uma graça em seu favor e a cura de Manuel Mendes, seu pai, que no dia 14 de Janeiro do ano presente, estando quasi á morte com uma dor de colica foi-lhe aliviada essa dor depois de recorrer á Virgem. Laus gloriaque Virgini.»

Como é o mundo!...

O Santo Cura d'Ars recebeu um dia uma carta em que lhe chamavam hipocrita e criminoso e uma outra em que lhe chamavam santo.

Riu-se e disse: «Ora vejam lá como eu me hei-de fiar da estima dos homens!»

Uma carta, de manhã, me enchia de injurias; uma outra de tarde, me cumula de atenções.

Nem a de manhã me tornou peor nem a da tarde me tornará melhor. Quão pouco vale a estima do mundo!»

Pois, a criancinha, no dia seguinte, estava melhor, e d'aí a dois dias, já não tinha nada, estava completamente curada.

Venho pois, por este meio agradecer á Santíssima Virgem de Fátima esta cura, e torná-la publica na Voz da Fátima como prometi.»

Maria Antónia Pontes, da freguesia de Paderne, sitio da «Ribeira de Alte», conta assim a cura de uma filha Perpetua da Conceição de 22 anos de idade:

«Minha filha sofria já há algum tempo, sem que eu fizesse caso de chamar o médico, por julgar coisa de pouca importância, mas no entanto andava a tomar alguns medicamentos que não lhe faziam bem algum, antes pelo contrário. De repente começou a manifestar ataques de loucura; não me podendo ver perto de si, pois dizia que eu ia para a matar. Como sou pobre não pude chamar logo o médico e comecei a pedir á Virgem que tivesse piedade da minha situação. Em fim, houve alguém que me aconselhou que invocasse a Virgem do R. de Fátima; assim o fiz e depois de ter feito algumas novenas e de ter dado a beber a minha filha agua de N. Senhora, esta começou a melhorar repentinamente logo que bebeu as primeiras gotas. Hoje graças á Virgem do Rosário acha-se completamente restabelecida. Prometi também ir com ela vizitar a imagem de N. S. de Fátima, que está na igreja paroquial de Alte. Imagem esta que foi oferecida pelo Rev. P.e José António Leal Madeira, actualmente no Brasil.»

Uma prégação... silenciosa

Nem sempre é falando que se faz maior bem.

Havia na Persia uma celebre Academia silenciosa. O apostolado do silencio é, por vezes muito eficaz. Os Trapistas que andam calados quasi todo o ano fazem melhor a uma nação que todos os discursos dos seus deputados.

A «Semaine religieuse de Grenoble», contava há tempo um interessante caso que prova a eficacia do silencio.

«Ha dois meses, eu e minha irmã Maria Luiza, fomos em peregrinação a Lourdes. Todas as tardes minha irmã se ia colocar á passagem do Santíssimo Sacramento. Ela resava mas quasi sempre sorria. A sua oração consistia quasi só em olhar para a custódia e para o sitio da gruta.

Esta attitude da minha querida irmã era tão comovente que, um cavalheiro que nós tinhamos visto dias precedentes, passear indiferente, se aproximou de Maria Luiza e lhe diz: «Menina, permita que lhe aperte a mão. «A mamã aproxima-se e agradece.

«Estamos edificadas com a gentileza de V. Ex.ª, diz esta.

«Senhora! Eu não sou praticante nem mesmo crente; pelo menos não o era até agora. Ria-me dos que iam á igreja e não vim a Lourdes senão como curioso e até com um certo espirito de hostilidade, mas ha uma hora que estou a vêr a vossa filha a resar com tanta fé e fervor que eu sinto que já não sou o mesmo... «Depois, dirigindo-se a Maria Luiza e emquanto as lágrimas caíam pelas faces, acrescentou:

«Menina, reze por mim; amanhã comungarei eu por vós.»

Voz da Fatima

Despezas

Transporte...	60.195\$55
Papel, composição, impressão e expedição do n.º 53 (33.000 exemplares)...	1.830\$28
Outras despesas...	85\$00
Soma ...	62.110\$83

Subscrição

(Maio de 1926)

Subscreveram com dez escudos: D. Rosa Miranda, Manuel Gonçalves Alfaia-te, D. Miquelina da Conceição, Joaquim Veiga, D. Maria Madalena da Silva, D. Maria Martins da Costa, Dr. José Luiz Ferreira, D. Maria do Carmo Cardoso Ribeiro, D. Maria Luiza de Pina, P.e Antonio Domingues d'Andrade (este,

20\$00) D. Mavildia de Freitas Mascarenhas Andrade, D. Maria da Silva (1 dolar), D. Elvira de Jesus Pereira de Pinho, D. Gloria de Jesus Rebimbas, D. Rosa da Gloria Rebimbas, D. Guilhermina Amelia Alves Fortima, D. Maria José Costeira, Ventura José de Campos, António Fragoso, D. Maria José Carvalho Pereira d'Almeida, P.e José Maria Martins, José Monteiro e Silva, Francisco Augusto Coimbra, D. Maria Alexandrina, D. Maria do Carmo de Carvalho, D. Maria Eugenia Braga Reis, Luiz Lopes Abegão, D. Perpétua de Jesus, D. Catarina Bagulho Santana Marques, D. Rosa Casimiro d'Almeida, D. Maria Primitiva Castro, Guilherme Henrique (15\$00), D. Maria José Leiria, D. Maria da Encarnação Gomes Correia, Francisco Pereira, D. Maria Graciana de Figueiredo, D. Carmo Padilha, D. Joaquina Sancho Luna, D. Beatriz Falcão Ribeiro, D. Branca Ferreira Marvão D. Eulalia Mendes Cabral, D. Maria Madalena R. Mendes de Matos, D. Emilia Pereira de Carvalho, Alípio da Silva Vicente, José Fernandes de Almeida, João F.G. de Oliveira, D. Rita de Jesus Barbósa e Sá (12\$00), um anónimo (60\$000), D. Amélia Martins (20\$00), D. Maria da Conceição Camilo, D. Maria Felicidade Figueira de Sousa, Baroneza de Pombeiro (20\$00), Manuel Joaquim Barros, Francisco Rei, D. Emilia Nunes da Rocha (de jornais, 15\$00), D. Helena Nicolau da Costa Maia, D. Irene Santos, Evaristo Franco, Antonio Pratas Ribeiro Teles (20\$00) D. Rita da Conceição Barros Pinto, D. Gertrudes do Carmo Durães, Antonio d'Almeida da Fonseca Cabral, D. Maria do Rosario Pires Vicente, D. Arminda Leucart da Fonseca e Silva, D. Julia Mendes Leitão (20\$00), Dr. Antonio Victorino da Silva Coelho, P.e Antonio Bernardo, Manuel Pereira dos Reis, Conselheiro João José de Sousa Lage, P.e Manuel Estevam Ferreira, P.e Tomás d'Aquino Silveiras, D. Gravelina Alves da Cunha e Silva, Francisco Marques, D. Berta Osorio Amador, D. Margarida Pinto Ferreira Leite Soares d'Albergaria, D. Alice Martins, Antonio Oliveira Henriques David, D. Maria Lucilia Cidraes, D. Maria José de Menezes Alarcão, Dr. Manuel de Medeiros Guerreiro, Antonio Ferreira de Melo, João Moniz Sá Corte Real Santos, Almerindo de Paiva David, D. Maria Amelia de Sá Osório Tovar, Manuel Martinho (20\$00), João Rapado Junior (20\$00), Manuel Rodrigues Piedade, Manuel Martins Aparício, Teodora de Jesus Sirgado, P.e Antonio Pereira Pinto, P.e Antonio Henriques Pereira, D. Maria da Anunciação Franco, D. Leopoldina Ferreira Serra, Francisco Ribeiro, Arnaldo Favarette, José Rodrigues Pascoal Junior, Manuel José Pereira, D. Carlota Trigueiros, D. Rosalina Pereira Bastos, Padre António Vieira de Ceíça, P.e Manuel de Sousa (estes ultimos oito, a 20\$00, cada um), P.e Joaquim Duarte Alexandre, D. Ana de Madeiros Coelho (15\$00), F. Maria da Glória Gonçalves Santos e D. Ana Maria Fernandes Pires (12\$50), Anónimo (30\$00), D. Estér d'Oliveira, António Rodrigues de Bela (70\$00), D. Maria Julia Figueira da Silva, António Justino Martins Bouças, D. Maria Guilhermina Fernandes, D. Maria Veloso, D. Carnia Pinto Abreu, D. Margarida Pereira da Cunha, Eloy Castanho, D. Maria Angelina Gonçalves, D. Emilia Caideira de Bourbon V. Preto Jeraldes, P.e Joaquim Marques Rafael, P.e João Dias de Matos, Francisco Dias de Matos José Pais Coutinho, D. Matilde Augusta Martinho Rodrigues, D. Teresa de Jesus Pereira, António M. Paulino, Comendador João Curado, D. Margarida Lopes D. Rosa Rebelo D. Felicidade Tavares, D. Maria da Purificação Godinho, D. Delfina Pires d'Oliveira, D. Alíres Geraldés, P.e Manuel Barata Duarte (31\$20), D. Francisca Eugénia Monteiro, P.e Francisco Pereira (40\$00), Artur d'Almeida d'Eça, D. Balbina Alvarez Rubinós Domingues, Dr. Tomás Gabriel Ribeiro, D. Maria da Ascensão Carvalho, Antonio Dias Margarido, D. Maria da Conceição Dias, João da Rocha, D. Helena Maria Tavares, D. Maria de Vasconcelos Cruz, Manuel Cardoso de Moraes, José Rodrigues Pintasilgo, D. Cristina de Matos Franco e D. Maria da Nazareth Ferreira (12\$50), D. Aurora Sofia dos Santos Niz, D. Maria Marques, D. Isabel Luiza Pinheiro Farinha (20\$00), D. Dulce Martins d'Azevedo, Acacio Henriques Vieira, D. Adelaide Salgueiro Silva, Henrique Vieira de Borba (15\$00), D. Isabel do Carmo Dias, Manuel dos Santos Rocha, P.e João Lourenço Pereira de Matos, Julio Seabra da Cunha.

AS LEITURAS

Carta de Monsenhor Gay a sua irmã

«Eu te peço em nome da tua alma tão preciosa e tão querida, em nome de Jesus Cristo que é o Verbo de verdade e que se fez o teu pão, que te imponhas a obrigação de nunca lêr maus livros.

Eu chamo maus não só aquêles que o mundo censura e reprova (eu bém sei que tu os não abririas), mas chamo maus também a essa inundação de livros escritos por homens sem fé, sem doutrina e sem coração; esses livros de comediantes mentirosos e de egoistas descontentes; êsses romances odiosos cuja leitura o mundo permite por passa tempo ás raparigas!

Tu não podes saber, tu, querida filha, não podes mesmo compreender, graças a Deus, o que tais leituras fazem de mal e que veneno êsse alimento encerra. Acredita em mim, deixa-te conduzir. Todo o talento que haja nesses livros não o queiras conhecer, não leias.

Não digas assim: «eu sei conhecer o que é bom e o que é mau». Olha que foi por ter confiança no seu discernimento que o homem pecou a primeira vez.

Não digas também: «Eu vivo no mundo, tenho de fazer como os outros.» O mundo condena-se e tu queres-te salvar.

Salvamo-nos estando no mundo mas não fazendo como êle.

Tem a coragem, se fôr necessário, de passar por singular. E' a sorte dos cristãos a de parecerem singulares e é mesmo porisso que êles são conhecidos.

Quanto aos bons livros, lê-os assiduamente, fa-los conhecidos, espalha-os. São o pão espiritual, alimenta-te com êle e faz que os outros pratiquem o mesmo...

Graças a Deus, os bons livros catholicos não faltam. Não estarás decerto desprovida deles. Que tu queiras fortificar-te com livros cheios de espiritualidade ou distrair-te com coisas reais...

Abrijo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.842\$50
Francisco de Matos Pedroso..	20\$00
Soma	4.862\$50

Um dia sem Céu, um Céu sem Deus

E' a difinição d'um domingo sem Missa, d'uma povoação sem igreja. Uma terra sem igreja é um corpo sem alma.

O Santo Cura d'Ars dizia: «Deixae uma terra vinte anos sem Sacerdote e o povo adorarã os animais.»

Não podemos recordar nem um só dos beneficios de Deus sem encontrarmos ao lado d'essa lembrança, a imagem do Sacerdote.»

Respostas... irrespondiveis

Um viajante quer entrar em um compartimento, mas vê lá um grupo de sacerdotes que voltavam de uma reunião.

— Pouca sorte! Já está cheia a arca de Noé!

— Suba, senhor, lhe diz amavelmente um dos sacerdotes, ha ainda um lugar, o do burro.

Um Sacerdote resa tranquilamente o seu breviario a um canto do seu compartimento no comboio. Numa estação entram como uma tempestade uns poucos de jovens, que olhando o sacerdote com ar malicioso se põem a cantar coisas pouco convenientes e a dizer parvoices contra a religião.

Na estação seguinte, o sacerdote desce e despede-se dizendo:

— Até breve, meus senhores.

— Que é isso? Até breve?

— Sim, eu sou capelão da cadeia.

Um pároco de aldeia entra no comboio e instala-se em frente dum caixeiro viajante.

— Senhor Padre, lhe diz êste chaliceando e dando sinais aos visinhos, não sabe uma triste novidade?

— Não sei, não tenho tido tempo de lêr os jornais...

— Olhe: morreu o diabo!

— Oh meu caro, quanto eu o lastimo! Tive sempre muito dó dos orfãosinhos.

Tome lá, aceite este meio tostão.

Um sacerdote estava a ser insultado por um patiforio qualquer. Aproxima-se e pergunta-lhe:

— Como te chamas.

O tratante respondeu com a palavra de Cambronne.

— Também me parecia, respondeu o sacerdote.

Em caminho de ferro um sacerdote e um caixeiro viajante. Primeiro conversa banal. Depois entra-se no prato de resistencia, a religião.

— Devo declarar-lhe, sr. Padre, que sou um incredulo. Não creio em Deus nem no diabo, nem no céu, nem no inferno.

— Está bem; mas já estudou alguma vez as provas da religião?

— Ah! isso não.

— Estudou os Sacramentos?

— Nunca.

— Leu Bossuet, Fenelon, Lacordaire, ou algum dos grandes escritores catholicos?

— Não, não li.

— Conhece o Evangelho?

— Não.

— Então, meu caro senhor, permita-me que lhe diga que não é um incredulo mas um ignorante.

Quem creou o demónio?

Perguntou-se um dia a tres creanças: Quem creou os Anjos?—todas responderam imediatamente: Foi Deus.

Quem creou o demónio? Uma d'elas refletindo um pouco, respondeu:

«Foi Deus que o fez Anjo e foi ele que se fez demónio.»

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adi-antadamente, o minlmo de dez mil réis.